



Homo Eloquentes e a ironia nas Filípicas de Cícero

Homo Eloquentes and the irony in Cicero's Philippics

Bruna Fernanda Abreu¹

<http://orcid.org/0000-0003-2038-5852>

bf.abreu@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v11i1.57530>

RESUMO: As *Filípicas* de Marco Túlio Cícero, escritas após o assassinato de Júlio César em 15 de março de 44 a.C., trazem em seu conteúdo as tensões políticas e históricas daquele momento, além de evidenciarem o conflito entre o próprio orador e Marco Antônio. Esses discursos consistem, basicamente, na difamação da imagem pública e privada de Marco Antônio e vê-se que o seu *ethos* é construído de modo negativo, contrapondo-se ao de Cícero. Neste artigo, analisa-se a ironia como uma ferramenta retórica para a construção do *ethos* do adversário. Ao longo dos discursos, as características negativas têm um significado muito claro ao estarem associadas diretamente a Antônio, contudo, ao citar algo positivo querendo dizer o contrário, o orador apenas reforça o tom de deboche para com a imagem do adversário, fazendo uso da ironia. Isso produz, no discurso, um efeito sobre a imagem de Antônio, mas também sobre a própria caracterização do orador, ou seja, o que Cícero diz sobre Antônio significa muito sobre si mesmo. Afirmar que Antônio é um *homo eloquens* não é coerente com o objetivo invectivo das *Filípicas*, mas faz sentido se, na verdade, em vez de tomarmos a expressão literalmente, considerarmos seu estatuto irônico. Sempre pensando que o orador retrata a si próprio e a Antônio como antípodas nas várias facetas da vida privada e pública, podemos, diante da expressão *homo eloquens*, remeter ao *ethos* pré-discursivo de Cícero diante de seu público, na ocasião dos discursos reconhecido como o maior orador de Roma.

PALAVRAS-CHAVE: Cícero; *Filípicas*; Retórica; Ironia; *ethos*.

ABSTRACT: The *Philippics* of Marcus Tullius Cicero, written after the murder of Julius Caesar on March 15, 44 BC, bring in their content the political and historical tensions of that moment, in addition to highlighting the conflict between the orator himself and Mark Antony. These speeches basically consist of the defamation of Mark Antony's public and private image and it is seen that his *ethos* is constructed in a negative way, opposing Cicero's. In this article, irony is analyzed as a rhetorical tool for building the adversary's *ethos*. Throughout the speeches, the negative characteristics have a very clear meaning as they are directly associated with Antony, however, when citing something positive meaning the opposite, the speaker only reinforces the tone of mockery towards the opponent's image, making use of irony. This produces, in the speech, an effect on the image of Antony, but also on the characterization of the speaker, that is, what Cicero says about Antony means a lot about himself. Claiming that Antony is a *homo eloquens* is not consistent with the invective aim of the *Philippics*, but it makes sense if, in fact, instead of taking the expression literally, we consider its ironic status. Always thinking that the orator portrays himself and Antony as antipodes in the various facets of private and public life, we can, in the face of the expression *homo eloquens*, refer to Cicero's pre-discursive *ethos* before his audience, on the occasion of the speeches recognized as Rome's greatest orator.

KEYWORDS: Cicero; *Philippics*; rhetoric; irony; *ethos*.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Aristóteles (*Rh.* II.1379b) afirma que “a ironia é qualquer coisa de desdenhoso”.² Esse conceito também é exposto por Cícero, com o termo *dissimulatio*, em *De or.* 2.269, através da fala de Júlio: *Vrbana etiam dissimulatio est, cum alia dicuntur ac sentias* (“Também a ironia é urbana, quando se fala uma coisa e se pensa outra”).³ Sabemos que a ironia é uma figura retórica que consiste em dizer o contrário daquilo do que se quer fazer o destinatário compreender, sendo, então, um fenômeno essencialmente contextual.

Destaca-se a seguir o que diz Quintiliano:⁴

6.2.15. εἰρωνεία quae diversum ei quod dicit intellectum petit.

6.2.15. ironia, que procura dar a entender o contrário daquilo que diz.

6.3.68. Quid ironia? nonne etiam quae severissime fit ioci paene genus est?

6.3.68. E quanto à ironia? Não é verdade que mesmo aquela proferida do modo mais sério tem algo de jocoso [*ioci*]?⁵

8.6.54. In eo vero genere, quo contraria ostenduntur, ironia est; illusionem vocant. Quae aut pronuntiatione intelligitur aut persona aut rei natura; nam, si qua earum verbis dissentit, apparet diversam esse orationi voluntatem.

8.6.54. Sem dúvida, naquele gênero em que se manifestam coisas contrárias há ironia (chamam-na *illusio* [engano]): ela é compreendida ou pela enunciação, ou pela persona do orador, ou pela natureza do assunto; pois se um destes três itens divergem das palavras, é evidente que a intenção do orador é diferente.

8.6.56. Aliquando cum in risu quodam contraria dicuntur iis quae intelligi volunt: quale est in Clodium, Integritas tua te purgavit, mihi crede, pudor eripuit, vita anteacta servavit.

8.6.56. Algumas vezes, com algum riso, diz-se o contrário do que se quer que seja compreendido, como contra Clódio: “Acredita em mim, a tua integridade te purgou, tua modéstia te libertou, teu passado te protegeu”.

² Todas as traduções dos trechos da *Retórica* são de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena (2012).

³ Cf. Cic. *De or.* 2.269, 270, 272, 289, 3.203. Todas as traduções dos trechos do *De oratore* são de Adriano Scatolin. Cf. SCATOLIN, A. A invenção no *Do orador* de Cícero: um estudo à luz de *Ad Familiares* I, 9, 23. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2009. Scatolin, para sua tradução, adotou o texto estabelecido por K. F. Kumaniecki para a coleção Teubner. Para o texto original, seguimos a edição da Les Belles Lettres, texto editado e traduzido por Edmond Courbaud.

⁴ As traduções dos trechos de Quintiliano são nossas.

⁵ Neste caso em específico, optamos por adotar a tradução presente no estudo de Miotti (2010).

Contudo, é importante salientar que só é possível identificar e acusar o uso de ironia em um discurso se a enunciação fornecer indícios. E isso pode ser feito através do próprio conteúdo do texto e do contexto em que ele está inserido,⁶ ou seja, uma expressão pode ser considerada irônica em um discurso se este for capaz de fornecer ao leitor/ouvinte informações suficientes para se chegar a tal conclusão. Além disso, o conhecimento das condições de produção do discurso também pode ser fundamental para reconhecermos a presença ou não de ironia.

É pertinente destacar o que nos diz Reboul (1998, pp. 132-133):

Na ironia, zomba-se dizendo o contrário do que se quer dar a entender. Sua matéria é a antífrase, seu objetivo, o sarcasmo. (...) Por que é engraçada? Por certo há sempre uma dose de alegria sádica na ironia, o “prazer maligno” de ver a bola murchar, de ver o esfrangalhamento das pretensões de poder, sabedoria e virtude exatamente porque quem faz a ironia parece levá-las a sério.

Podemos dizer que ela está presente além do que está sendo dito, ou seja, ela é compreendida quando também se compreende o discurso do qual ela faz parte. Segundo Miotti (2010, p. 117), “torna-se fácil compreender por que a ironia, como figura de pensamento, diz respeito à relação entre λόγος (*logos*, discurso, o que é dito) e ἦθος (*ethos*, caráter de quem enuncia [...]) ou πάθος (*pathos*, emoções despertadas, efeito gerado)”.

No que diz respeito às *Filípicas*,⁷ são discursos focados em Antônio, considerado por Cícero um parricida e destruidor da República, e recheados de ironia mordaz e sarcasmo.⁸ Sabendo que esses discursos têm como objetivo construir uma imagem negativa de Marco Antônio e positiva de Cícero, colocando em evidência os defeitos daquele, por consequência, podemos inferir que “elogios” de Cícero a Marco Antônio, levando em consideração atitudes e características do adversário, aparentemente consideradas boas, nos discursos, podem ser constituídas de ironia por parte do orador.

Em sua primeira *Filípica*, até vemos, em alguns momentos, tentativas de paz do orador com Marco Antônio, com certos conselhos e uma possibilidade de conciliação para o bem da República. Contudo, ao considerarmos os acontecimentos que levaram à escrita das demais *Filípicas* e a crescente hostilidade e divergência entre ambos, devemos partir do pressuposto de que observações positivas sobre Marco Antônio estão carregadas de ironia por parte de Cícero. Então, ao olharmos o teor das *Filípicas* compreendemos que é improvável, de modo geral, qualquer elogio de Cícero a Antônio, uma vez que elas são marcadas por intensas acusações políticas e pessoais que vão traçando um *ethos*

⁶ Cf. *ironia* em DICIONÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO (2012, p. 291).

⁷ Todas as traduções dos trechos de *Philippicae* são nossas. Para o texto original, seguimos a edição da Les Belles Lettres, texto editado e traduzido por André Boulanger e Pierre Wuilleumier.

⁸ Cf. HAURY (1955, p. 205).

totalmente negativo do adversário; caso contrário, seria o mesmo que afirmar que Cícero esteja sendo contraditório. Contudo, são importantes, para a detecção dessa ironia, as “pistas” contextuais, internas a cada discurso.

Conseqüentemente, também nos parece improvável afirmar que Cícero inferioriza a si mesmo com o objetivo de enaltecer o adversário a quem tanto acusa ao longo dos quatorze discursos, ou até mesmo que aquele por quem tem tanta repulsa possa ter, na caracterização estabelecida pelo orador, boas qualidades, inclusive melhores do que as suas próprias. Essa ideia destoaria de todo o objetivo discursivo e retórico das *Filípicas*, ou seja, as referências positivas se relacionam a Antônio com um sentido conotativo e, então, irônico.

Sendo assim, primeiramente observamos a ironia quando Cícero se refere a Marco Antônio como um *homo disertus/eloquens* (“homem eloquente”), *homo sapiens/acutus* (“homem sábio/inteligente”) e *homo consideratus* (“homem ponderado”), levando em consideração a *eloquentia* (“eloquência”):

2.8. *Quid habes quod mihi opponas, homo diserte — ut Mustelae tamen Seio et Tironi Numisio uideris?*

2.8. O que tu tens para apresentar contra mim, **homem eloquente** — como parece ao menos para Seio Mustela e Tirão Numísio? (grifos nossos)

2.11. *Vt igitur intellegeretis qualem ipse se consullem profiteretur, obiecit mihi consulatum meum. Qui consulatus uerbo meus, patres conscripti, re uester fuit: quid enim ego constitui, quid gessi, quid egi nisi ex huius ordinis consilio, auctoritate, sententia? Haec tu, homo sapiens, non solum eloquens, apud eos quorum consilio sapientiaque gesta sunt ausus es uituperare?*

2.11. Portanto, para que vós compreendêsseis que tipo de cônsul ele mesmo se declarava, ele criticou meu consulado. Esse consulado era meu no discurso, senadores, e vosso na prática: de fato, o que eu decidi, o que eu empreendi, o que eu fiz senão conforme o conselho, a autoridade, a opinião desta ordem? Eis que tu, **um homem sábio, não apenas eloquente**, ousaste criticar essas ações diante daqueles cujo conselho e sabedoria as inspiraram? (grifos nossos)

Aqui a ironia se demonstra pelo absurdo do raciocínio: não seria sábia, nem eloquente a conduta de criticar alguém junto a interlocutores que se identificassem com a conduta criticada. O mesmo se vê nas passagens seguintes:

2.18. *Homo disertus non intellegit eum quem contra dicit laudari a se, eos apud quos dicit uituperari.*

2.18. O **homem eloquente** não compreende que é elogiado por ele aquele contra o qual ele discursa e que são repreendidos por ele aqueles diante dos quais discursa. (grifos nossos)

2.28. *At quem ad modum me coarguerit **homo acutus** recordamini.*

2.28. Entretanto, recordai de que modo esse **homem inteligente** me acusou. (grifos nossos)

2.31. *Tu, **homo sapiens et considerate**, quid dicis?*

2.31. Tu, **homem sábio e ponderado**, o que dizes? (grifos nossos)

E, por fim, a passagem seguinte alude à falta de eloquência de Antônio, a qual, na verdade, não é notável:

2.86. ***O praeclaram illam eloquentiam tuam**, cum es nudus contionatus!*

2.86. **Oh notável aquela tua eloquência**, uma vez que tu discursaste nu! (grifos nossos)

Ao observarmos a construção das passagens acima, com suas figuras de linguagem, pensamento e contrastes com o contexto, podemos ver que, quando Cícero atribui a Antônio supostas qualidades relacionadas à eloquência, na verdade, ele está questionando os dotes oratórios de seu adversário, o que se confirma em:

2.8. *quo me teste conuincas? an chirographo? in quo habes scientiam quaestuosam. Qui possis? sunt enim librari manu. Iam inuideo magistro tuo, qui te tanta mercede quantam iam proferam nihil sapere doceat.*

2.8. Tu me condenas com base em qual prova? Nos escritos de próprio punho? A respeito disso tu tens um conhecimento lucrativo. Como poderias? Pois são da mão de um copista. Já invejo teu instrutor que, mediante tão alto pagamento, o qual eu logo revelarei, ensina-te a não saber nada.

Abaixo, faz-se menção ao fato de Antônio ter precisado de “aulas” para desenvolver sua eloquência, fato que, aos olhos do orador, não se resolve:

2.101. *Medico tria milia iugerum; quid, si te sanasset? rhetori duo; quid, si te disertum facere potuisset?*

2.101. Tu deste três mil jeiras a um médico; o que darias, se tivesses te curado? Duas mil jeiras ao rétor; o que darias, se ele tivesse podido te fazer eloquente?

Ainda, a (falta de) eloquência de Antônio é comparada com a de seu avô, admirado por Cícero:

2.111. *Expecto enim eloquentiam tuam; disertissimum cognoui auum tuum, at te etiam apertiore in dicendo: ille numquam nudus est contionatus, tuum hominis simplicis pectus uidimus. Respondebisne ad haec aut omnino hiscere audebis?*

2.111. Pois eu estou esperando a tua eloquência; eu conheci o teu avô, um homem muito eloquente, mas também sei que tu falas de peito mais aberto: aquele nunca

estava despido em público, nós vimos o teu peito de homem simples. Responderás a estas coisas ou ousarás abrir sequer a boca para falar?

Vê-se, na passagem abaixo, que o orador julga que a eloquência de Antônio provoca risos:

3.21. *At in rebus tristissimis quantos excitat risus! Sententiolas edicti cuiusdam memoriae mandavi, quas uidetur ille peracutas putare; ego autem qui intellegeret quid dicere uellet adhuc neminem inueni.*

3.21. Mas ele excitou quantos risos em situações das mais sérias! Eu memorizei algumas sentenças de um dos éditos, as quais ele parecia pensar que eram muito agudas; mas eu não encontrei ninguém até agora que entendesse o que ele queria dizer.

E, novamente, Cícero questiona o fato de Antônio ter tido aulas de eloquência, que, porém, não foram úteis:

3.22. *“Nulla contumelia est quam facit dignus”. — Primum quid est “dignus”? nam etiam malo multi digni, sicut ipse. An “quam facit is, qui cum dignitate est”? quae autem potest esse maior? Quid est porro “facere contumeliam”? quis sic loquitur? — Deinde: “Nec timor quem denuntiat inimicus”. — Quid ergo? ab amico timor denuntiari solet? Horum similia deinceps. Nonne satius est mutum esse quam quod nemo intellegat dicere? En, cur magister eius, ex oratore arator factus [sit], possideat in agro publico campi Leontini duo milia iugerum immunia, ut hominem stupidum magis etiam infatuet mercede publica.*

3.22. “Não é nenhuma ofensa o que um homem digno faz”. — Primeiro, o que é “digno”? Pois também há muitos homens dignos de castigo, como ele mesmo é. Ou é uma ofensa que um homem, que possui dignidade, faz? Porém, que ofensa pode ser maior? Além disso, o que é “fazer uma ofensa”? Quem fala assim? — Depois: “Não há medo quando um inimigo o aponta”. — Como assim? O medo costuma ser apontado por um amigo? Em seguida, vieram frases semelhantes a essas. Não é preferível ser mudo a dizer o que ninguém entende? Eis porque o professor dele passou de orador a lavrador e possui no campo público do campo Leontino duas mil jeiras isentas de impostos, para fazer um homem tolo ainda mais insensato à custa do dinheiro público.

O orador afirma que Antônio precisa pagar para que seja instruído a ser eloquente, mas, mesmo assim, ele não o é. Cícero o demonstra na prática, destacando partes do discurso do adversário que não fariam sentido para o entendimento da audiência. Além disso, Antônio é comparado com o seu avô, o qual, segundo Cícero, foi eloquente. Destaca-se o que Cic. *Brut.* 115 diz sobre a eloquência do avô de Antônio: *eloquentissimi uiri L. Crassus et M. Antonius consulares* (“eloquentíssimos varões consulares Lúcio Crasso e Marco Antônio”).⁹ Questionam-se as atitudes privadas de Antônio e

⁹ Os trechos em português de *Brutus* seguem a tradução de José R. Seabra Filho.

como elas influenciam na sua política. Segundo Haury (1955, p. 208), na terceira *Filípica*, “onde Cícero comenta sobre os éditos de Antônio, há todo o humor e especialmente a ironia violenta deste discurso”.¹⁰

Na verdade, para o orador, é inadmissível que Antônio faça parte da política, pois ele discursa nu (Cic. *Phil.* 2.86),¹¹ sobre coisas que ninguém entende, tanto em relação ao conteúdo como à estrutura das frases, e ainda precisa ser ensinado, tendo um rétor que, na verdade, não lhe ensina nada. Ele não age e muito menos fala de modo adequado ao cargo que ocupa, limitando-se a ser, basicamente, um *hominem stupidum* (“um homem tolo”, Cic. *Phil.* 3.22). Contudo, considerando que, de certo modo, fazia parte da festa das Lupercais¹² que seus sacerdotes (os *luperci*) estivessem quase nus (“naked except for girdles from the skin of sacrificial goats”, nas palavras do *OCD*, p. 892), podemos dizer que há um exagero de Cícero ao citar esse fato e atribuí-lo a Antônio como um comportamento negativo sem que se considere o contexto religioso que reclamava a quase nudez.

Ao fazer isso, também fica evidente o contraste com a eloquência do orador, ou seja, ao zombar dos dotes oratórios de Antônio, podemos entender que Cícero procura enaltecer a sua própria eloquência. Em Cic. *Phil.* 2.2., o orador diz: *Non uideo nec in uita nec in gratia nec in rebus gestis nec in hac mea mediocritate ingeni quid despiciere possit Antonius* (“Não vejo nem na minha vida, nem no meu prestígio, nem nos feitos nem nas minhas ações, nem neste meu engenho limitado o que Antônio possa desprezar”, grifos nossos). Contudo, sabemos que nem seu engenho nem sua eloquência são limitados. A ironia, aqui, é sobre si mesmo, tendo como alvo principal o outro. Por se tratar de uma imagem construída no discurso, pode-se inferir que a referência ao “engenho limitado” constitui um sinal de modéstia, o que também contribui para reforçar a presunção de Antônio ao julgar ser possuidor de boa eloquência.

Também podemos ver que Cícero ironiza as atitudes de Antônio relacionadas ao seu consulado e à República:

¹⁰ “où Cicéron commente les édits d’Antoine, contient tout l’humour et surtout l’ironie violente de ce discours”.

¹¹ Plut. *Caes.* 61, diz, a respeito da celebração da festa das Lupercais: “sobre a qual muitos escrevem que era antigamente celebrada pelos pastores e tem mesmo alguma semelhança com a festa do Liceu da Arcádia. 2. Muitos jovens nobres e dos magistrados correm nus, através da cidade, e batem naqueles que encontram no caminho com correias cobertas de lã, provocando diversão e risadas. 3. Muitas mulheres de alta posição vão intencionalmente ao seu encontro e, como crianças na escola, estendem as duas mãos para os golpes, convencidas de que isso é útil às grávidas para terem um bom parto, e às estéreis para ficarem grávidas. 4. César assistia a esse espetáculo, sentado na tribuna em trono de ouro e adornado com sua veste de triunfo. 5. Antônio era um dos corredores na corrida sagrada, pois era cônsul. Quando irrompeu no fórum e a multidão se afastou para sua passagem, como ele trazia um diadema entrelaçado por uma coroa de louro, estendeu-o a César. Houve aplausos não fortes, mas fracos e convencionais. 6. Mas, quando César repeliu o diadema, o povo todo o aplaudiu; e, quando Antônio de novo o ofereceu, poucos lhe deram aplausos; recusando-o César, todos novamente o ovacionaram. 7. Assim, como a prova foi evidente, César levantou-se, após ter ordenado que a coroa fosse levada ao Capitólio; 8. Mas viu-se então que as estátuas de César tinham sido coroadas de diademas reais” (tradução de Fonseca).

¹² Segundo o *Brill’s New Pauly*, “*Lupercalia*”, as Lupercálias eram um ritual social realizado em Roma em 15 de fevereiro, começava com o sacrifício de uma cabra nos pés do Monte Palatino, em honra ao deus Fauno; a partir disso, dois jovens eram untados com o sangue da faca e depois lavados com uma lã encharcada de leite. Por fim, eles deveriam rir.

2.15. *Tu, cum principem senatorem, ciuem singularem tam propinquum habeas, ad eum de re publica nihil referas, referas ad eos qui suam rem nullam habent, tuam exhauriunt? Tuus uidelicet salutaris consulatus, perniciosus meus.*

2.15. Tu, tendo como parente próximo um líder do senado, um cidadão excepcional, em nada o consultando sobre os assuntos da República, consultarias aqueles que não têm nenhuma riqueza própria e esgotam a tua? **Evidentemente o teu consulado é salutar, o meu, nocivo!** (grifos nossos)

Na seção abaixo, o orador ironiza, através da expressão *magnum beneficium* (“um grande favor”), o fato de Antônio não o ter matado:

2.59. *Victor e Thessalia Brundisium cum legionibus reuertisti. Ibi me non occidisti. Magnum beneficium: potuisse enim fateor. Quamquam nemo erat eorum qui tum tecum fuerunt qui mihi non censeret parci oportere.*

2.59. Vitorioso, tu voltaste da Tessália para Brundísio com as legiões. Ali tu não me mataste. Um grande favor: sem dúvida, eu confesso que tu o poderias ter feito, embora não houvesse nenhum dos que estavam contigo naquele momento que não pensasse que eu deveria ser poupado.

2.78-79. *Habebat hoc omnino Caesar: quem plane perditum aere alieno egentemque, si eundem nequam hominem audacemque cognorat, hunc in familiaritatem libentissime recipiebat. 79. His igitur rebus preclare commendatus, iussus es renuntiari consul, et quidem cum ipso.*

2.78-79. É bem verdade que César tinha esta característica: recebia de muito bom grado em sua intimidade quem estava totalmente perdido em dívidas e necessitado, se reconhecesse que o mesmo homem não valia nada e era audacioso. 79. Portanto, brilhantemente recomendado por causa dessas qualidades, obrigou-te a que fosses eleito cônsul, e junto com ele, ainda por cima.

A referência às Lupercais aparece novamente aqui como uma “ação ilustríssima” (*rem unam pulcherrimam*). Contudo, conforme já citado, Cícero critica a participação de Antônio em tal ocasião:

2.84. *Sed, ne forte ex multis rebus gestis M. Antoni rem unam pulcherrimam transiliat oratio, ad Lupercalia ueniamus. XXXIV Non dissimulat, patres conscripti, adparet esse commotum: sudat, pallet. Quidlibet, modo ne nauseet, faciat quod in porticu Minucia fecit! Quae potest esse turpitudinis tantae defensio? Cupio audire, ut uideam ubi rhetoris sit tanta merces, ubi campus Leontinus appareat.*

2.84. Porém, para que por acaso não despreze o discurso, dentre as muitas coisas feitas por Marco Antônio, a sua única **ação ilustríssima**, vamos às Lupercais. XXXIV Ele não dissimula, senadores, fica evidente que está abalado: ele sua, empalidece. O que lhe agrada, contanto que não tenha náuseas, contanto que não faça o que fez no pórtico Minúcio! Qual pode ser a defesa de tanta torpeza? Desejo ouvir, para que eu veja onde se justifica o salário elevado do rétor, onde o campo Leontino se apresenta. (grifos nossos)

Nas próximas três seções que se seguem, vemos que o orador ironiza as perambulações e as peregrinações de Antônio com as outras cidades:

2.100. ***O praeclaram illam percursionem*** tuam mense Aprili atque Maio, tum cum etiam Capuam coloniam deducere conatus es! Quem ad modum illinc abieris uel potius paene non abieris, scimus.

2.100. **Oh aquela tua perambulação magnífica** nos meses de abril e maio, quando então tu também tentaste estabelecer uma colônia em Cápua! Nós sabemos de que modo tu escapaste de lá, ou melhor, como quase não escapaste. (grifos nossos)

2.101. *At quam nobilis est tua illa peregrinatio!*

2.101. Porém, quão célebre foi aquela tua peregrinação!

3.27. *O C. Caesar — adulescentem appello — quam tu salutem rei publicae attulisti, quam improuisam, quam repentnam! Qui enim haec fugiens fecit, quid faceret insequens? Etenim in contione dixerat se custodem fore urbis seque usque ad Kalendas Maias ad urbem exercitum habiturum. O praeclarum custodem ouium, ut aiunt, lupum!*

3.27. Oh Caio César — o jovem, eu digo — tu trouxeste quanta salvação para a República, quão inesperada, quão repentina! Pois o que ele [Antônio] fez fugindo, o que faria perseguindo? Com efeito, ele dissera em uma reunião pública que ele mesmo seria o guarda da cidade e até as calendas de maio colocaria um exército perto da cidade. **Oh magnífico guardião de ovelhas, um lobo, como se diz!** (grifos nossos)

Ao mesmo tempo em que se tem a imagem de Antônio como alguém que não é capaz de proteger a cidade, abaixo vemos que, para o orador, até para propor uma lei judiciária o adversário não age de acordo como cônsul:

5.12 *Legem etiam iudiciariam tulit, homo castus atque integer, iudiciorum et iuris auctor. In quo nos fefellit. Antesignanos et manipulares et Alaudas iudices se constituisse dicebat; at ille legit aleatores, legit exules, legit Graecos — o consessum iudicum praeclarum, o dignitatem consilii admirandam!*

5.12. Ainda, o homem íntegro e virtuoso, fundador de tribunais e da justiça apresentou uma lei judiciária. Nisso ele nos enganou. Dizia que constituía como jurados soldados, soldados rasos e Alaúdes; mas ele escolheu jogadores, escolheu exilados, escolheu gregos — **Oh magnífica reunião de jurados! Oh dignidade do conselho digna de admiração!**

As seções expostas acima reforçam a ideia de que, para Cícero, as ações políticas de Marco Antônio não condizem com o que deve ser feito e são contrárias às suas, ou seja, politicamente, um é o que o outro não é, já que, quando Cícero diz *Tuus uidelicet salutaris consulatus, perniciosus meus!* (“Evidentemente o teu consulado é salutar, o meu nocivo!”, Cic. *Phil.* 2.15) e *O praeclarum custodem*

ouium, ut aiunt, lupum! (“Oh magnífico guardião de ovelhas, um lobo, como se diz!”), Cic. *Phil.* 3.27), também se confronta como é a política de cada um e como agem. E destacamos o quiasmo *Tuus... salutaris... perniciosus meus*, o qual enfatiza a antítese, ressaltando a oposição entre os dois. Essa ironia em relação ao papel político que cada um desempenha e as más ações de Antônio em relação à República, qualificadas ironicamente como magníficas e ilustres, são indícios de que Cícero se coloca discursivamente como salvador da República e coloca Marco Antônio como destruidor.

Além disso, o orador cita, em Cic. *Phil.* 2.78–79, 5.12, seções destacadas anteriormente, o excesso de dívidas de Antônio, afirma que ele não vale nada, enfatiza sua audácia e considera ironicamente que essas “qualidades” o fizeram cônsul. Isso novamente mostra que, para o orador, o seu consulado não é nocivo, o de Antônio, sim, circunstância que é reforçada em: *Legem etiam iudicariam tulit, homo castus atque integer, iudiciorum et iuris auctor. In quo nos fefellit.* (“Ainda, o homem íntegro e virtuoso, fundador de tribunais e da justiça apresentou uma lei judiciária. Nisso ele nos enganou.”), Cic. *Phil.* 5.12). Antônio, de fato, do ponto de vista de Cícero, quando toma medidas como cônsul, não sabe o que faz.

A ironia também está presente quando se trata dos relacionamentos amorosos de Antônio. Primeiramente, destacamos abaixo algumas seções em que Cícero se refere a Fúlvia,¹³ esposa de Antônio:

2.113. *Sed quoquo modo nobiscum egeris, dum istis consiliis uteris, non potes, mihi crede, esse diuturnus. Etenim ista tua minime avara coniunx, quam ego sine contumelia describo, nimium diu debet populo Romano tertiam pensionem.*

2.113. Porém, seja qual for o modo com que tu ajas conosco, contanto que tu faças uso desses conselhos, tu não podes, acredita em mim, durar muito tempo. Com efeito, **essa tua esposa de modo algum avara**, a qual eu descrevo sem injúria, já faz demasiado tempo que deve ao povo romano o terceiro pagamento.¹⁴ (grifos nossos)

A expressão *minime avara* (“de modo algum avara”) é profundamente sarcástica, pois “Cícero geralmente retrata Fúlvia como gananciosa e cruel, mas aqui ele a descreve como ‘muito generosa’ porque ela já se separou de dois maridos”,¹⁵ o que nos denota a *terciam pensionem* (“terceiro pagamento”). Esta expressão se refere ao reembolso de parte do dote de Fúlvia, já que seus dois

¹³ Fúlvia, descendente de duas famílias nobres, tornou-se a mais conhecida das mulheres ativas na política na República tardia. Primeiramente, casou-se com Clódio, apoiou sua política e clamou por vingança após seu assassinato. Foi após a morte de seu segundo marido, Curião, que ela se casou com Antônio, tomando uma parte ativa em sua gestão política depois da morte de César. Cf. “Fúlvia”, *OCD*.

¹⁴ A expressão *terciam pensionem* se refere ao reembolso de parte do dote de Fúlvia, já que seus dois maridos anteriores, Clódio e Curião, sofreram mortes violentas.

¹⁵ “C. usually portrays Fulvia as grasping and cruel, but here he describes her as ‘most generous’ because she has already parted with two husbands” (RAMSEY, 2003, p. 327).

maridos anteriores, Clódio e Curião, sofreram mortes violentas, como se ela trouxesse melhor sorte para si mesma do que para os seus maridos.¹⁶ E isso se reforça em Cic. *Phil.* 2.11:

2.11. *Quis autem meum consulatum praeter te ac P. Clodium qui uituperaret inuentus est? Cuius quidem tibi fatum sicut C. Curioni manet, quoniam id domi tuae est quod fuit illorum utrique fatale.*

2.11. Entretanto, encontrou-se alguém que criticasse meu consulado, exceto tu e Públio Clódio? O destino deste certamente espera por ti, assim como ocorreu a Caio Curião, visto que o que foi fatal a um e a outro, está na tua casa.

Apesar de Clódio e Curião terem sido mortos em contextos políticos, fica evidente que Fúlvia é considerada por Cícero um infortúnio e é inevitável o mesmo destino a Antônio, ou seja, uma morte violenta representando o terceiro pagamento de Fúlvia. E, na seção abaixo, há a expressão *Tusculanam* (“Tusculana”) como uma referência a Fúlvia, já que Túsculo é sua cidade natal:

3.16. *Sed, si Aricinam uxorem non probas, cur probas Tusculanam? Quamquam huius sanctissimae feminae atque optimae pater M. At[t]ius Balbus, in primis honestus, praetorius fuit; tuae coniugis, bonae feminae, locupletis quidem certe, Bambalio quidam pater, homo nullo numero. (...) — “At auus nobilis”. — Tuditanus nempe ille, qui cum palla et cothurnis nummos populo de rostris spargere solebat. (...) Habetis nobilitatem generis gloriosam.*

3.16. Mas, se tu não aprovas uma esposa de Aricina, por que aprovas uma **Tusculana**? Posto que o pai desta santíssima e ótima mulher, M. Átio Balbo, foi um dos pretores mais honestos; um certo Bambálio, homem de nenhum valor, é o pai da tua esposa, uma boa mulher, verdadeiramente rica. (...) “Mas o avô era nobre”. Certamente aquele Tuditano, que costumava lançar dos Rostros, com manto de ator e coturnos, moedas ao povo. (...) Vós tendes uma notoriedade gloriosa¹⁷ em relação à família. (grifos nossos)

Critica-se, então, a escolha de Antônio por uma mulher cuja família é de nenhum valor e sem glória, e que traz má sorte a seus maridos. Note-se a ironia de *Etenim ista tua minime auara coniunx, quam ego sine contumelia describo* (“Com efeito, essa tua esposa de modo algum avara, a qual eu descrevo sem injúria”).

Já em Cic. *Phil.* 2.69, refere-se ironicamente à atriz de mimo Volúmnia Citéris — cujo papel na vida de Antônio constitui uma seção deste trabalho —, como uma esposa legítima:

¹⁶ Cf. Cic. *Phil.* 5.11: *sibi felicior quam uiris*.

¹⁷ O termo *gloriosam* pode ser interpretado como ambíguo: cheio de glória, mas também presunçoso (cf. *Miles gloriosus*, de Plauto).

2.69. *Nolite quaerere: frugi factus est; illam suam¹⁸ suas res sibi habere iussit; ex duodecim tabulis clavis ademit, exegit. Quam porro spectatus civis, quam probatus, cuius ex omni uita nihil est honestius quam quod cum mima fecit diuortium.*

2.69. Não queirais fazer perguntas; tornou-se um homem honrado: ele ordenou que aquela sua atrizinha de mimo recolhesse todas as suas coisas, segundo exigiam as Doze Tábuas, tomou a chave. Além disso, quão notável cidadão, quão prezado aquele em cuja vida toda nada há de mais honroso do que o divórcio de uma atriz de mimo.

O orador descreve Antônio como um homem que trata sua amante, a atriz de mimo Volúmnia Citéris, como esposa legítima e que se tornou honrado uma única vez na vida ao romper esse caso de longa data. Todas essas atitudes formais tomadas por Antônio, supostamente agindo de acordo com a lei, são retratadas de modo irônico, pois, para o orador, não há nada de honroso em se relacionar com uma atriz de mimo e tratá-la como esposa legítima, separando-se, posteriormente, dela.

Destacamos o termo *concupina dotata*, o qual aparece em Plaut. *Stich.* vv. 57-58: *Hercle ille quidem certo adulescens docte vorsutus fuit, qui seni illi concubinam dare dotatam noluit* (“Por Hércules, certamente o tal rapaz se esquivou sabidamente, não querendo dar ao velho uma amante com dote”¹⁹). Uma *concupina dotata* seria um absurdo jurídico, pois o dote diferenciava o casamento do concubinato. E, em Plaut. *Trin.* vv. 689-91, um casamento sem dote, ou seja, um concubinato seria algo socialmente reprovável.²⁰

Portanto, devido à característica de invectiva das *Filípicas* e o objetivo de difamar o adversário, é compreensível que o orador faça uso de adjetivos e expressões negativas para se referir a Antônio. Do mesmo modo, o uso da ironia, sobre sua eloquência e suas atitudes políticas e privadas, também é compreensível. Nesse caso, vemos que Cícero explora essa figura retórica para ridicularizar tudo o que envolve a imagem de Antônio.

De fato, algumas afirmações ao longo dos discursos apresentam um significado claro e direto, mas, ao afirmar algo querendo dizer o contrário, o orador maximiza o tom de deboche para com o adversário. Além disso, podemos perceber que a ironia também cumpre um papel na sua própria caracterização, ou seja, o que ele critica em Antônio diz muito sobre si mesmo: dizer, por exemplo, que Antônio é um *homo eloquens*, afirmação que, tomada literalmente, contradiz as *Filípicas* e o *ethos* negativo construído por Cícero, além de sarcasticamente atacar os dotes oratórios

¹⁸ Consideramos aqui *illam suam* como “aquela sua atrizinha de mimo”, tendo como referência o aparato crítico das edições Les Belles Lettres e Loeb Classical Library, ou seja, *illam* equivale a *mimam*, Volúmnia Citéris. Em item posterior esse mesmo trecho será estudado.

¹⁹ Tradução de Isabella Tardin Cardoso (2006, p. 162).

²⁰ Cf. ROCHA (2015, p. 86).

de Antônio, evoca a eloquência do próprio orador e todo o entorno do *ethos* positivo relacionado a ele. No contexto da Roma republicana e do *ethos* pré-discursivo do próprio Cícero, o maior orador de seu tempo, desconstruir com ironia a suposta eloquência de Antônio é um procedimento retórico que não causa nenhuma estranheza. Por fim, contrapor, sob esse aspecto, Antônio a seu antepassado ilustre na eloquência, contribui para construir a imagem de alguém que não honrou a nobreza da família.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 2006.
- ARISTOTLE. **On Rhetoric**. Translated with Introduction, Notes, and Appendices by George A. Kennedy. New York: Oxford University Press, 2007.
- ARISTOTLE. **Rhetoric**. Translated With an Introduction and Notes By C. D. C. Reeve. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2018.
- CARDOSO, Isabella Tardin. **Estico, de Plauto**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CICERO. **M. Tulli Ciceronis Rhetorica**. Tomus II. Ed. A. S. Wilkins. Oxford: Oxford University Press, 1911. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis).
- CICERO. **In M. Antonium orationes Philippicae XIV**. Ed. Paolo Fedeli. 2. Aufl. Stuttgart: B.G. Teubner, 1986.
- CICERO. **Cicero**. Cambridge, MA; London: Harvard University Press: W. Heinemann, v.6, v.9, v.20, 1989. (The Loeb Classical Library)
- CICERO. **Philippics I-II**. Editado por John T. Ramsey. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CICERO. **Cicero: epistulae ad quintum fratrem et M. Brutum**. Ed. Shackleton Bailey. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CICERO. **Orations: Philippics 1-6**. Editado e traduzido por D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2009. (Loeb Classical Library)
- CICERO. **Orations: Philippics 7-14**. Editado e traduzido por D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2009. (Loeb Classical Library)
- CÍCERO. **Brutus e A perfeição Oratória (do Melhor Gênero de Oradores)**. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2013.
- CICÉRON. **De l'orateur**. Livre troisième. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Edmond Courbaud et Henri Bornecque. Paris: Belles Lettres, 1961.
- CICÉRON. **De l'orateur**. Livre premier. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1962.
- CICÉRON. **De l'orateur**. Livre deuxième. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1966.
- CICÉRON. **Discours**. Tome XIX: Philippiques I à IV. Texte établie et traduit par André Boulanger et Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 1972.
- CICÉRON. **Discours**. Tome XX: Philippiques V à XIV. Texte établie et traduit par Pierre Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 1973.
- CICERONE. **Bruto**. A cura di Enrica Malcovati. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1996.
- GLARE, Peter Geoffrey William. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

- HAURY, Auguste. **L'ironie et l'humour chez Cicéron**. Leiden: E.J.Brill, 1955.
- HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony. **The Oxford classical dictionary**. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, 2012.
- LUPERCALIA. In: LANDFESTER, Manfred; CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmuth. **Brill's New Pauly: encyclopaedia of the ancient world**. Leiden: Brill, 2006. Disponível em: <https://referenceworks.brillonline.com/browse/brill-s-new-pauly>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- MIOTTI, Charlene Martins. **RIDENTEM DICERE VERVM: O humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2010.
- PLUTARCO. Vida de César. In: SUETÔNIO; PLUTARCO. **César por Suetônio e Plutarco**. Tradução e notas de Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- QUINTILIANO. **Institutio Oratoria**. Tradução em inglês de H. E. Butler. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1920-22. 4 v. (The Loeb Classical Library).
- RAMSEY, John T. Commentary. In: CICERO. **Philippics I-II**. Editado por John T. Ramsey. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 81-337, 2003.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ROCHA, Carol Martins da. **De linguado a lingua(ru)da: gênero e discurso das mulieres plautinae**. 251 p. Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Unicamp, 2015.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico histórico, geográfico, mitológico, biográfico**. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.
- SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2009.

